Hamsa

Journal of Judaic and Islamic Studies

5 | 2019

Muslims and Jews in Latin America

Presença muçulmana no Brasil: breve síntese histórica

Samira Adel Osman

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/hamsa/343>

DOI: 10.4000/hamsa.343

ISSN: 2183-2633

Editora

CIDEHUS - Centro Interdisciplinar de História Culturas e Sociedades da Universidade de Évora

Refêrencia eletrónica

Samira Adel Osman, «Presença muçulmana no Brasil: breve síntese histórica», *Hamsa* [Online], 5 | 2019, posto online no dia 31 março 2019, consultado o 16 setembro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/hamsa/343> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/hamsa.343>

Este documento foi criado de forma automática no dia 16 setembro 2021.

Hamsa est mise à disposition selon les termes de la Licence Creative Commons Attribution - Pas d'Utilisation Commerciale - Pas de Modification 4.0 International.

Presença muçulmana no Brasil: breve síntese histórica

Samira Adel Osman

Introdução

- 1 As pesquisas acadêmicas sobre a presença de muçulmanos no Brasil são relativamente recentes. Houve um crescimento de estudos dedicados a essa temática após os atentados de 11 de setembro de 2001, concentrados nas áreas de Antropologia, Sociologia, Ciências da Religião, sendo ainda pouco expressiva a contribuição do campo histórico.
- 2 Essa certa ausência de interesse pode ser compreendida em duas perspectivas: em primeiro lugar, a relevância do credo católico no país, o crescimento dos movimentos pentecostal e neopentecostal, o papel das religiões africanas na formação da identidade religiosa nacional, e o fato de o islamismo no Brasil ser compreendido como uma religião minoritária e relacionada aos imigrantes de origem árabe. Já a lacuna no campo da pesquisa historiográfica está relacionada ao perfil dos estudos migratórios, que se concentraram na questão da substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre, no contexto da economia cafeeira e industrial, do crescimento urbano e da classe operária. Por isso, privilegiaram-se o grupo italiano, espanhol, português, alemão, japonês, enquanto outros grupos minoritários (árabes, judeus, armênio) foram tardiamente estudados¹.
- 3 Além disso, a imigração árabe caracterizou-se pela divisão religiosa em grupos cristãos (ortodoxos, maronitas, melquitas) e em grupos muçulmanos (sunitas, xiitas, drusos, alauítas), vinculadas às diferentes levadas migratórias². Como decorrência, os muçulmanos ou foram incluídos genericamente como árabes, e a afiliação religiosa foi secundarizada, ou permaneceram numa situação de invisibilidade como religião minoritária de imigrantes.
- 4 Em decorrência desse cenário, os dados sobre os muçulmanos no Brasil são controversos. Para a PEW Research Center, em 2010 estimaram-se 840 mil muçulmanos

na América Latina e no Caribe, com projeção de aumento de 13% para 2050, a mais baixa em relação aos outros continentes, sendo considerados nessa projeção fatores como a reduzida entrada de imigrantes e refugiados, as poucas conversões, e a queda nas taxas de fecundidade. Quanto à distribuição nos países tem-se Argentina: 400 mil, Venezuela: 90 mil, Brasil: 40 mil, Panamá: 30 mil, Colômbia: 10 mil e Honduras: 10 mil³. Contraditoriamente, a mesma instituição fez o seguinte levantamento sobre os muçulmanos nos países latino-americanos:

País	1990	2010	2030
Argentina	444.000	1.000.000	1.233.000
Brasil	145.000	204.000	227.000
Venezuela	44.000	95.000	122.000
Panamá	109.000	25.000	32.000
Colômbia	119.000	14.000	17.000
Chile	44.000	4.000	5.000
Total	905.000	1.342.000	1.636.000

Tabela 1. Muçulmanos na América Latina. Elaboração do Autor⁴.

- 5 Já a Organización Islámica para América Latina y el Caribe⁵ estima 6 milhões de muçulmanos nessa parte do continente e destaca maior presença no Brasil: 1,5 milhões, Argentina: 700 mil, Venezuela: 90 mil, Chile: 3 mil; enquanto diversas entidades e lideranças islâmicas no Brasil apontam o número de 1 a 3 milhões, colocando o país nessa liderança. Esses dados não diferenciam os muçulmanos como de origem imigrante (árabe e outros grupos étnicos) ou conversos, tampouco fazem distinção entre sunismo e xiismo por exemplo.
- 6 Para Isaac Caro⁶ há 4 grupos de muçulmanos na América Latina, sendo dois mais antigos: 1. indo-asiático, formado por imigrantes do Paquistão, Indonésia, Índia, estabelecidos no Suriname, Guiana, Trinidad-Tobago; 2. árabe, formado por comunidades árabes sunitas da Síria, do Líbano e da Palestina, estabelecidos na América do Sul (Brasil, Argentina, Chile e Venezuela) e dois mais recentes: 1. “novos muçulmanos” ou convertidos ao islamismo geralmente provenientes de religiões cristãs, e 2. xiitas, associado ao islamismo radical pelas suas conexões com o Irã e o Hezbollah. Já esse artigo considera a presença muçulmana no Brasil em quatro formas: o islamismo negro ou de escravidão, o islamismo de imigração ou islamismo árabe, islamismo de conversão ou “novos muçulmanos”, islamismo das novas imigrações. Apresento brevemente três deles e, como objetivo maior desse artigo, tratarei mais detidamente do islamismo de imigração ou islamismo árabe.
- 7 Esse artigo é parte da pesquisa em desenvolvimento sobre Árabes e Muçulmanos no Brasil, e está dividida em duas etapas desenvolvidas concomitantemente. Uma delas trata de um levantamento de dissertações e teses que versam genericamente sobre a

temática dos grupos muçulmanos no Brasil com o objetivo de quantificar, identificar, mapear, analisar e comparar temas, conteúdos, abordagens, campos do saber, fontes e métodos, referências bibliográficas presentes nesses trabalhos acadêmicos⁷. Com esses dados, está sendo elaborado um mapa analítico dessa produção acadêmica, tendências de pesquisa, temas recorrentes, que serão interpretados à luz do momento histórico em que esses trabalhos são produzidos.

- 8 A outra etapa trata do levantamento de instituições islâmicas no território brasileiro, cuja primeira ação foi a pesquisa nas próprias teses e dissertações, em sites ou blogs, matérias em jornais e revistas de ampla circulação; a partir daí um questionário foi enviado para essas instituições a fim de complementar ou aprofundar os dados disponíveis e, em alguns casos, optou-se pela entrevista a algumas lideranças.
- 9 Esse levantamento está ancorado em dois pressupostos teórico metodológicos. Um deles baseia-se na premissa de Boutier e Julia para os quais “os progressos da história repousam essencialmente sobre uma lógica da acumulação: da acumulação de instrumentos de trabalho e de dados (repertórios de arquivos e de fontes, bibliografias gerais e especializadas, dicionários, edições de textos, bancos de dados...)”, mas reconhecendo também “que a qualidade da produção histórica depende do questionário elaborado pelo historiador, a validade das respostas obtidas remete, para além dos procedimentos empregados, à pertinência da documentação mobilizada em relação às questões propostas”.
- 10 A outra premissa é a proposta por Ginzburg⁹ no que se refere ao trabalho do historiador que deve considerar outras fontes, além dos tradicionais documentos escritos. Para o autor, partindo da concepção do paradigma indiciário, é necessário ao historiador percorrer diferentes campos disciplinares, trabalhar com diversas fontes documentais, realizar pesquisas de campo, descrever fatos, pois a história é escrita a partir de diferentes dados, sinais e indícios que auxiliam na construção de novos paradigmas da narrativa histórica. No que tange à história dos muçulmanos no Brasil, cuja falta de documentação escrita (registros, dados, censos) é notória, a premissa de Ginzburg permite buscar sinais, emblemas, indícios, rastros, marcas dessa presença.

1. Os “outros” muçulmanos

- 11 Em relação aos estudos sobre o islamismo de escravidão ou negros muçulmanos destacam-se os trabalhos de Abelardo Duarte (1958), Décio Reis (1976), Pierre Verger (1968), João José Reis (2003), enquanto em obras como de Waldemar Valente (1976), Roger Bastide (1971), Gilberto Freyre (1967), João do Rio (1906) há referências à questão dos negros islamizados¹⁰.
- 12 É na obra de Reis que os negros muçulmanos ou malês (nagôs, haussás, fulani, iorubás) foram identificados como protagonistas de várias revoltas entre 1807 e 1831 e da maior rebelião escrava no Brasil, a Revolta dos Malês, ocorrida em 1835 na Bahia que contou com 600 participantes. Além de tratar da organização de negros muçulmanos contra a escravização, o estudo permite o conhecimento sobre a preservação das práticas e tradições islâmicas trazidas da África, como a instrução religiosa; a realização das recitações, memorização e escrita de partes do Alcorão; o porte de amuletos com trechos escritos em árabe; o uso das vestimentas brancas, do turbante e da barba entre os libertos; e a prática do jejum do Ramadã, inclusive sendo essa a ocasião escolhida para o início do levante em 25 de janeiro daquele ano. Durando algumas horas, o

levante foi sufocado e reprimido com prisões, enforcamentos e degredos. Segundo o autor, a revolta era um movimento político que, se bem sucedido, teria transformado a Bahia em um país islâmico.

- 13 Já a pesquisa de Mello¹¹ sobre o islamismo negro tem como ponto de partida o trabalho de Reis, mas a autora expande sua pesquisa ao tratar da presença muçulmana não só em Salvador e no Recôncavo Baiano e não apenas pelo protagonismo malê, mas a partir da verificação de um ambiente muçulmano no Rio de Janeiro e em Alagoas, e da atuação de uma inteligência haussá na rebelião de 1835 e na organização de escolas corânicas. A documentação utilizada foram os documentos árabes preservados no arquivo baiano. Ainda Mello e Soares¹² realizam importante contribuição ao analisar a permanência da influência islâmica negra nas práticas folclóricas alagoanas atuais, indo contra as visões tradicionais que afirmam sobre o desaparecimento dessa fé e de seus adeptos em decorrência do sincretismo religioso.
- 14 Outro importante documento que evidencia a presença muçulmana no período colonial é o *Diário de Viagem do Imã Al'Baghadadi* datado de 1866, cuja edição no Brasil recebeu o título “Deleite do estrangeiro em tudo o que é espantoso e maravilhoso¹³”. O imã, súdito do Império Otomano, teria chegado acidentalmente ao Rio de Janeiro em 1865 e permanecido no país até 1868, para melhor instruir negros nas práticas islâmicas tanto nessa cidade, como em Recife e em Salvador. O documento permite conhecer a permanência da fé muçulmana mesmo após a repressão da Revolta dos Malês, a partir da identificação de salas de reuniões (*majlis*); da comunicação em árabe (escrita e fala) entre negros libertos e escravizados para o estudo do Alcorão; partes do Alcorão preservados como relíquias; e ainda a venda do Livro Sagrado em livrarias do Rio de Janeiro.
- 15 Em outra vertente, os estudos sobre a conversão ao islamismo têm sido mais profícuos que o próprio movimento. A conversão de brasileiros ao islamismo é um fenômeno relativamente recente e passou a ser mais expressivo a partir dos anos 2000, devido a uma maior exposição e repercussão na mídia deste grupo religioso, podendo ser verificados questões de curiosidade pelo estranho-exótico, repulsão-atração em relação ao outro, e conversão como alternativa-possibilidade. Identificado como islamismo de conversão ou “novos muçulmanos” não há dados precisos ou muito significativos sobre esse fenômeno que se baseiam em números estimados pelas instituições, como Mesquita Brasil (40 a 50 convertidos), Mesquita do Pari (100 convertidos), Mesquita do Brás (30 convertidos)¹⁴, todas na cidade de São Paulo. Para Rodrigo Rodrigues, sheikh da Mesquita do Pari e Ali Hussein el Zoghbi, presidente da FAMBRAS (Federação das Entidades Muçulmanas do Brasil), não há registro do número de convertidos, seja porque as conversões são espontâneas, partindo do desejo do convertido, seja porque o islã não é uma religião proselitista em busca de novos fiéis¹⁵.
- 16 Hilu ainda considera que as conversões ocorrem quando há espaço de diálogos e se criam as condições tanto para a conversão quanto para a convivência entre a sociedade original e os novos adeptos, o que pode ser percebido em algumas comunidades e não em outras, como naquelas que se mantêm fieis a uma tradição cultural árabe, estando o arabismo acima da islamização¹⁶. No primeiro caso estão cidades que apresentam um decréscimo de imigrantes árabes e seus descendentes e um aumento de brasileiros sem origem muçulmana, como é o caso de Salvador (decrécimo de 50% em 2003 para 10% em 2014; crescimento de 10% em 2003 para 90% em 2014) e do Rio de Janeiro

(decréscimo de 50% em 2003 para 15% em 2014; crescimento de 50% em 2003 para 85% em 2014), conforme dados da Revista *Isto é* de 2014¹⁷.

- 17 Montenegro demonstra, em uma contra vertente, o processo de des-arabização concomitantemente à islamização que ocorre na SBMRJ¹⁸. Para essa sociedade há um esforço de des-etnicizar a comunidade islâmica da cidade originalmente árabe imigrante abrindo-a para brasileiros e outros grupos muçulmanos não árabes. Por meio do ensino da língua árabe, pretende-se torná-la acessível aos textos sagrados rompendo a barreira linguística que muitas vezes serviu para aludir a um pretensão exclusivismo ou originalidade dos praticantes árabes do islamismo. Essa tensão também foi percebida por Sena em sua pesquisa na comunidade muçulmana de Belo Horizonte, através de sua SBMMG fundada em 1961, cujos membros se dividem entre imigrantes e seus descendentes e os convertidos brasileiros¹⁹.
- 18 Essa atitude da SBMRJ pode ser entendida como uma forma de mitigar a tensão entre nascidos muçulmanos e os convertidos. Por dominar a língua árabe e por meio dela ter acesso aos textos sagrados faz com que os primeiros (estabelecidos) sintam-se superiores aos segundos (*outsiders*), apropriando-me da terminologia de Norbert Elias. Para o autor, “o grupo atribuía aos seus membros características superiores; excluía todos os membros do outro grupo de contato social não profissional com seus próprios²⁰”.
- 19 Os motivos para a conversão são variados: laços de amizade, relações afetivas, contatos profissionais e casamentos, sobretudo entre as mulheres. Em outros casos, os jovens, ao buscar informações sobre a religião na internet ou livros de divulgação, acabam por aderir à nova fé, da mesma forma que as desilusões com as práticas religiosas familiares levam à busca de um novo caminho religioso. E ainda há que se considerar os que se convertem por motivos ideológicos, pois identificam no islamismo um discurso de justiça social, estando ligado ao movimento negro e ao movimento hip-hop das periferias das grandes cidades brasileiras, como é o caso do grupo de cultura Haussa que atua em São Bernardo do Campo. De acordo com El Zoghbi, presidente da FAMBRAS, a conversão de brasileiros em São Paulo é mais perceptível na periferia da cidade ou em seu entorno, afirmação que pode ser corroborada pelo surgimento de mesquitas e salas de orações em bairros como Aricanduva, na zona leste, ou na região metropolitana como em Francisco Morato e Embu das Artes, na Favela Cultura Física²¹. Da mesma forma, também tem se verificado a conversão de brasileiros fora do eixo sul-sudeste, em capitais do Norte e do Nordeste do país.
- 20 Em entrevista²² realizada em 2013, o sheik Rami da Liga da Juventude Islâmica afirmou que muitos que procuram a entidade com o objetivo da conversão não estão certos de seu desejo de adesão à nova fé, e procuram o islamismo como forma de se sentirem especiais ou se tornarem diferentes. Por isso, é necessário ter cautela e preparar os aspirantes à nova fé na profunda compreensão do significado e das práticas religiosas. Ainda para essa liderança há a questão do radicalismo dos convertidos que exigem e cobram observância e o rigor da religião, sobretudo no que se refere ao uso das vestimentas e do lenço entre as mulheres²³.
- 21 Outra forma que tem incrementado a presença muçulmana no Brasil são os imigrantes muçulmanos de outras origens étnicas não árabes. Destaca-se nesse perfil a cidade de Campinas e região (Sorocaba, Sumaré, Piracicaba, Americana) no estado de São Paulo, que tem uma comunidade composta por indianos, sul-africanos, além de palestinos e egípcios, e que se reúnem em torno do Centro Islâmico de Campinas²⁴. Essa

característica pode ser percebida também com a recente organização de uma comunidade de muçulmanos (estudantes, professores, trabalhadores de multinacionais) originária de diferentes países árabes, como Líbia, Egito, Marrocos, Iraque, Síria e da Palestina, estabelecida no Espírito Santo das regiões de São Mateus, Guarapari, Vila Velha e Cariacica, no ano de 2017.

- 22 Já as levas recentes de imigrantes muçulmanos, provenientes de países da África e da Ásia motivados pelos conflitos civis e questões ambientais em seus locais de origem, têm sido absorvidas como mão-de-obra para os abatedouros e frigoríficos *halal*. O destino tem sido os estados do Paraná, que recebe imigrantes muçulmanos provenientes de Bangladesh, Paquistão, Congo, Gana, Marrocos, Somália, e do Rio Grande do Sul provenientes do Senegal e Bangladesh. Essa presença tem se evidenciado por meio da formação de mesquitas e mussalas para atender essas comunidades imigrantes, cuja vinculação nacional é evidenciada nos nomes das entidades como, por exemplo, a Mussalah de Cruzeiro do Oeste, município do norte do Paraná, denominada *ahle sunnat wal jamat bangladeshi jame mosque* (mesquita e comunidade sunita bengali). São 14 em funcionamento e duas em construção em cidades paranaenses.
- 23 Verifica-se esse fenômeno também na cidade Uberlândia (MG), Joinville (SC), e em São Paulo com a formação da Comunidade Islâmica da República e da Mesquita Bilal al Habashi que congrega imigrantes da África do Sul, Angola, Burundi, Guiné, Gana, Filipinas, Marrocos e Moçambique, além de brasileiros. Alude-se a frequência de 500 pessoas e empunha-se o lema “Nós somos a resistência!”
- 24 Finalmente, um último grupo de muçulmanos não árabes estabelecido em São Paulo completa esse mosaico religioso: o Centro Islâmico de Diálogo Interreligioso e Intercultural (CIDI), fundado em 2014, ligado ao islamismo sunita sufi, liderado pelo turco radicado nos Estados Unidos, Fethullah Gulen. O centro mantém uma sala de orações conhecida como “mussalah dos turcos”.

2. Os muçulmanos árabes

- 25 O islamismo de imigração ou islamismo árabe refere-se à chegada de muçulmanos no Brasil durante o final do século XIX e o século XX, de grupos provenientes majoritariamente do Líbano, Síria e Palestina, cuja principal característica é o estabelecimento de uma comunidade étnica imigrante, árabe e islâmica, que procura preservar e manter a religião no país de inserção ao longo de suas gerações.
- 26 Neste caso, considera-se uma visão do islamismo “de sangue”, “de nascimento”, “de família”, “de origem”, como se pode constatar pela afirmação de Mustapha Mohamad Rajab, imigrante que veio do Líbano para o Brasil em 1952: “Eu nasci na religião muçulmana e foi essa religião que eu passei aos meus filhos...²⁵”. Essa vinculação serve tanto para diferenciar muçulmanos de origem de grupos convertidos, como para associar religião à nacionalidade, o que significa dizer que há uma coincidência entre identidade étnica e identidade religiosa: ser muçulmano é o mesmo que ser de origem árabe. De outra maneira, ao se identificarem e se definirem membros destas comunidades referem-se a si mesmos como “ibn arab”, que pode ser traduzido livremente como “filho de árabe” ou de “origem árabe”, como afirma Nassib Saleh Kadri, imigrante libanês que chegou ao Brasil em 1954: “Eu posso dizer que, de minha parte, eu criei meus filhos como filhos de árabes²⁶”.

- 27 A imigração árabe para o Brasil pode ser dividida em dois grandes períodos²⁷:
- a. primeiro (1860-1945): decorrente das mudanças da política turco-otomana, da partilha colonial e pelo domínio francês na Síria e no Líbano, e dos conflitos mundiais. O destino foram as regiões do Oriente Médio e do Norte da África e países da América (Estados Unidos, Argentina e Brasil), com a maior saída de cristãos;
 - b. segundo (1945-1990): decorrente de fatores econômicos e dos conflitos regionais (guerra árabe-israelense) e civis (Guerra Civil do Líbano). O destino foram os Estados Unidos, países da América do Sul (Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, Venezuela, Uruguai), e a Austrália, com o aumento do fluxo de muçulmanos.
- 28 No Brasil, com as levas migratórias árabes de origem muçulmanas estabelecidas a partir da década de 1920 formaram-se as comunidades sunita, xiita, alauíta, drusa, sufista, estando concentradas majoritariamente na Região Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais), Região Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina), Região Centro-Oeste (Mato Grosso do Sul e Distrito Federal). Os libaneses estão dispersos em todas as regiões, enquanto os palestinos concentram-se sobretudo no Rio Grande do Sul e no Distrito Federal. Acompanhando a composição mundial, o número de sunitas no Brasil é superior ao número de xiitas, enquanto drusos, alauítas e sufistas são na imigração comunidades muçulmanas minoritárias como em seus países de origem.
- 29 Como proposta deste artigo, tratam-se das vertentes do islamismo de imigração ou islamismo árabe pela diversidade dos grupos e a inserção e consolidação dos muçulmanos no país de imigração por meio de sua institucionalização com a criação de mesquitas, sociedades beneficentes, associações, escolas, campos santos, e outros espaços que refletem a necessidade de manutenção e preservação das práticas religiosas e da construção identitária muçulmana. Seu objetivo está ligado menos a um caráter proselitista de divulgação do islamismo entre os não-muçulmanos do que a uma intenção de reislamização dos muçulmanos de nascimento e de revivamento de sua fé.
- 30 Busca-se a coesão do grupo, o reconhecimento do pertencimento a uma comunidade étnica e religiosa, e a manutenção de uma identidade árabe ao longo das gerações. É, de certa forma, um retorno à tradição no que Hall definiu como uma tentativa de “recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades de certeza que são sentidas como tendo sido perdidas²⁸”, ou em vias de serem perdidas na medida em que um projeto migratório que se pensou como provisório tornou-se definitivo.

3. Muçulmanos Sunitas

- 31 As levas migratórias muçulmanas mais remotas caracterizaram-se por um projeto concebido como provisório: pretendiam imigrar para o Brasil e, ao alcançar certo sucesso econômico, voltar ao seu país. Por esse motivo, se organizaram pela proximidade familiar ou da região de origem como forma de manutenção de uma identidade étnica (árabe) e religiosa (muçulmana), ao mesmo tempo em que não se preocuparam ou não tiveram condições de se organizarem em instituições congregatórias.
- 32 Na medida em que o estado de provisoriedade convertia-se em definitivo, casamentos eram realizados e famílias eram formadas, começou a surgir a necessidade de formação de entidades e outras instituições com a finalidade de praticar e manter a religião entre os adeptos e seus descendentes. A formação e o estabelecimento dessas mesquitas e de

suas sociedades de benemerência foram iniciativas dos imigrantes muçulmanos pioneiros e de seus descendentes para manter o grupo coeso e reafirmar a identidade religiosa; preservar os laços identitários e culturais; manter vínculos com o país de origem; além de promover eventos e festividades religiosas para unir seus membros, conjugando atividades religiosas, sociais, culturais e de apoio comunitário.

- 33 A construção das mesquitas foi precedida pela fundação de suas mantenedoras, as sociedades de beneficência. Essas entidades surgiram em comunidades imigrantes de origem árabe, estabelecidas e concentradas em diversas regiões brasileiras e contaram com a iniciativa e o apoio financeiro de seus membros e com a vinda de sheiks provenientes de países como o Egito e a Arábia Saudita, por isso afirmam seu caráter árabe e sunita.
- 34 A pioneira dessas instituições no país e na América Latina foi a Mesquita Brasil, situada na cidade de São Paulo. Sua mantenedora, a Sociedade Beneficente Muçulmana (SBM) foi criada em 1929, a pedra fundamental lançada em 1942 e a construção, ampliação e remodelação arquitetônica do templo religioso ocorreram entre as décadas de 1950 e 1970. Por ter sido por muito tempo a única instituição muçulmana na cidade, o viés nacional ou sectário permaneceu secundarizado, atendendo a todos os adeptos independentemente destas idiosincrasias. Todavia com a vinda de novas levas migratórias, dispersão pela cidade e pelo estado, e as dificuldades de locomoção e acesso levou à criação de outras mesquitas inclusive marcadas pela distinção entre sunismo e xiismo²⁹. A Mesquita Brasil manteve-se vinculada à orientação sunita.
- 35 Na região sul da cidade de São Paulo, localiza-se a Mesquita da Misericórdia de Santo Amaro, construída na antiga Chácara de Santo Amaro, local de lazer e recreação fundado em 1977, enquanto na região leste localizam-se a Mesquita Khalid ibn Walid de São Miguel que surgiu com a criação da Sociedade Beneficente e Cultural Islâmica em 1978 e da inauguração do templo em 1982, a Mesquita de Vila Rica Omar ibn Khattab em Aricanduva, e ainda na região central a Mesquita do Pari.
- 36 Na região metropolitana paulista destacam-se mesquitas em Guarulhos, Mogi das Cruzes, Jundiaí, São Bernardo do Campo, assim como nas cidades do interior do estado há mesquitas em São José dos Campos (SBM- SJC), em Santos (SBI do Litoral Paulista), Barretos (União Beneficente Muçulmana), Lajes (SBML), Campinas (SBI de Campinas e Região, uma das mais antigas do estado, fundada em 1977), Colina (União Beneficente Muçulmana de Colina), Taubaté (SBMT). De modo geral, a região Sudeste lidera numericamente esse tipo de instituição, pois além do estado de São Paulo que contabiliza 36 entidades, há 2 entidades em Minas Gerais (SBM de Belo Horizonte e ABM de Juiz de Fora), 1 e no Rio de Janeiro (SBMRJ) e uma recém fundada mesquita no Espírito Santo.
- 37 A região Sul lidera a segunda posição com 32 instituições, com destaque para o estado do Paraná (24), Rio Grande do Sul (4), Santa Catarina (4). Em termos de antiguidade e de marco arquitetônico, destaca-se a Mesquita Omar Ibn Al-Khatab em Foz do Iguaçu, cuja pedra fundamental foi lançada em 1981 e a inauguração ocorreu em 1983, encontrando-se vinculada ao Centro Cultural Beneficente Árabe Islâmico de Foz do Iguaçu, e ainda a Mesquita de Londrina Rei Faïçal, fundada em 1968 e mantida pela SBM de Londrina e Norte do Paraná. Destacam-se na região Centro-Oeste 13 instituições, sendo a mais antiga a Mesquita de Cuiabá, inaugurada em 1978, cuja SBMC foi fundada em 1972.
- 38 As mesquitas e suas mantenedoras unem atividades religiosas (orações coletivas, oração e sermão da sexta-feira, missas e serviços fúnebres, aulas sobre religião, festas

religiosas como o *Eid Al Iftar*, Festa do Fim de Ramadã, e o *Eid Al Adha*, Festa do Sacrifício, mediação de conflitos matrimônios, consultas morais) com atividades comunitárias e de socialização (encontro de jovens, campeonatos esportivos e formaturas, recepção a turistas, jantares e almoços, festas civis como Carnaval, Dia das Mães, Dias das Crianças). Portanto, as mesquitas além de espaço religioso, são locais de sociabilidades, encontros, confraternizações, manutenção da comunidade e da promoção das relações sociais, associativas e recreativas, comparadas a clubes sociais como pode ser percebido pela afirmação de duas filhas de imigrantes árabes³⁰:

«Frequentávamos também a mesquita Brasil, que para a nossa comunidade é tanto um espaço religioso como um local de reuniões, onde são realizadas festas, jantares, comemorações, casamentos...”

Lamia Mustapha Rajab

Meu pai, do ponto de vista da diversão e do lazer, só nos dava uma única opção: participar das reuniões da comunidade árabe. Tem um clube no Riacho Grande, do pessoal da vila dos meus pais, chamado Naddi Ghazzi, onde as pessoas se reúnem todos os domingos. É uma forma de manter a comunidade unida, fazer contato entre as pessoas e, principalmente, promover casamentos.”

Salua Mohamad Abou Jokh

- 39 Além dessas organizações com forte perfil comunitário, preocupados com a manutenção da tradição e da identidade cultural árabe, pode-se perceber um segundo conjunto de instituições cuja atuação está vinculada a um fenômeno recente de reavivamento e revitalização da fé muçulmana entre os nascidos muçulmanos, por isso seu caráter é prioritariamente religioso e não social ou comunitário. Para as lideranças dessas instituições, como as da Liga da Juventude Islâmica, as famílias pioneiras que chegaram ao Brasil ou desconheciam a prática religiosa muçulmana ou não tiveram condições adequadas de viver a sua fé em um país de credo religioso distinto. Por isso, não preservaram e não transmitiram corretamente o islamismo aos seus descendentes fazendo-se necessário uma divulgação dos preceitos e normas religiosas entre os nascidos muçulmanos que se desviaram das condutas religiosas adequadas³¹.
- 40 Nessas mesquitas ocorrem as orações, os sermões, o ensino da língua árabe e da religião (práticas, estudos do Alcorão, ensinamentos do Profeta) como também propaga-se a necessidade do cumprimento dos pilares, das normas e condutas religiosas entre o público jovem por meio de atividades de confraternização como acampamentos, campeonatos esportivos, encontros e congressos religiosos. Para essa juventude é que se volta a ação proselitista dessas instituições que tem como objetivo a propagação e a manutenção da fé islâmica em terras estrangeiras.
- 41 Essas instituições recebem grandes investimentos de outros países árabes muçulmanos, como Arábia Saudita, Kuwait, Emirados Árabes, Egito, Marrocos³² e atuam em diversas frentes: financeira (construção de mesquitas, associações, centros religiosos e culturais); educativa (intercâmbios e concessão de bolsas de estudos para a formação de *sheiks* e outras lideranças religiosas); divulgação (elaboração e distribuição de material religioso e do Alcorão em língua portuguesa).
- 42 Entre as diversas instituições dessa natureza, destaca-se o conjunto da cidade de São Bernardo do Campo, em São Paulo, referenciada como a “capital muçulmana do Brasil”. Nesta cidade encontra-se a Sociedade Islâmica de Beneficência e a Mesquita Abu Bakr Assadik e vinculadas a elas a Junta de Assistência Islâmica Internacional, o Centro de Divulgação do Islã para a América Latina (CDIAL), fundado em 1987, a Assembléia Mundial da Juventude Islâmica (WAMY, na sigla inglesa), a Editora *Makkah* (edição do

Jornal A Alvorada e Revista *Makkah al Mukarama*, mensais e de distribuição gratuita) e o CDIAL-Halal que orienta e emite certificação para o abate animal *halal*.

- 43 Na cidade de São Paulo, a Liga da Juventude Islâmica criada em 1995 e com sede inaugurada em 2001, tem o mesmo perfil e define-se como um centro de estudos de divulgação do islamismo cuja missão é “propagar e pregar os bons costumes e a moral contidos nos ensinamentos do Islã”, “consolidar e pregar o significado dos valores religiosos islâmicos” e “formar uma personalidade islâmica consciente, comprometida com os ensinamentos religiosos e colaborar com o progresso do Brasil.”
- 44 Mesmo sendo parte de um grupo imigrante e religioso comum, as instituições se mantiveram como entidades autônomas entre si. Houve esforços de criação de entidades que as unificassem e assumissem o papel de porta voz, como foi o caso da criação em 1979 da Federação das Associações Muçulmanas no Brasil (FAMBRAS), que tem se proposto a fortalecer e unificar as instituições islâmicas, manter as práticas religiosas em um país de imigração, mas que tem atuado sobretudo no campo econômico (na certificação *halal*) e diplomático (em parcerias e acordos econômicos com países árabes). Destacam-se também o Centro de Estudos e Divulgação do Islam (CEDI) com sede em na cidade de Suzano, em São Paulo; a União Nacional das Entidades Islâmicas (UNI), e a União dos Estudantes Muçulmanos no Brasil.
- 45 Essas entidades também procuram manter uma imagem positiva da religião e da comunidade muçulmana no Brasil ao rebater preconceitos e estereótipos que vinculam a religião às práticas terrorista, sobretudo após o ano 2001, por meio de publicações, portais na internet, web rádios, congressos internacionais, entre outras ações de perfil midiático e de divulgação.

4. Muçulmanos Xiitas

- 46 No início do processo migratório árabe para o Brasil, as divisões sectárias entre sunitas e xiitas eram imperceptíveis na formação da comunidade, sendo o espaço da Mesquita Brasil em São Paulo e da Mesquita de Curitiba agregadores de muçulmanos unidos pela mesma origem étnica, árabe, e nacional, majoritariamente libanesa. Contudo, o crescimento do fluxo migratório xiita a partir da década de 1980 e o acirramento das diferenças político-ideológicas no mundo muçulmano pós-Revolução Iraniana, teve reflexos também entre os imigrantes estabelecidos no Brasil.
- 47 Em São Paulo um grupo de famílias de origem libanesa e professante do islamismo xiita criou a Associação Beneficente Islâmica do Brasil, no bairro do Brás, com o objetivo de organizar e agregar a comunidade xiita, preservar a prática religiosa, e arrecadar fundos para a construção de uma mesquita. Inaugurada em 1985, a Mesquita Mohammad Mensageiro de Deus, é também conhecida como Mesquita do Brás e afirma estar aberta para toda comunidade muçulmana árabe (libaneses, sírios e iraquianos) e não árabes (iranianos, afegãos, paquistaneses e de países africanos)³³. Além de não assumir um perfil sectário, a comunidade prefere se identificar como seguidores do Duodécimo ou Dos Doze Imans³⁴ ao invés de xiita, pois acredita que esse termo tem uma carga política e ideológica mal compreendida.
- 48 No aspecto beneficente, a Associação volta suas ações ao atendimento assistencial para famílias prioritariamente muçulmanas com auxílio aluguel, auxílio escola e concessão de cestas básicas e remédios. Não há atividades de sociabilidade ou comunitárias, como

festas ou outro tipo de reuniões, uma vez que se respeita a prática de convivência pela divisão sexual. Do ponto de vista da divulgação, a Associação oferece cursos sobre história do islamismo, prática religiosa, tradição, jurisprudência e interpretação do Alcorão, e edita a Revista Islâmica Evidências.

- 49 A mesquita tem um intenso calendário de atividades religiosas, como as orações diárias, a oração da sexta-feira, as celebrações do Ramadã, do *Eid al Fitr* e o *Eid al Adha*, comum a todos os fiéis muçulmanos. Do ponto de vista da prática xiita, acrescentam-se as celebrações dos aniversários de nascimento, anunciação e ascensão do profeta Muhammad; nascimento e martírio dos imans Alis, Hassan e Hussein; nascimento e falecimento dos demais imans do *ahul bait*³⁵ e nascimento do décimo segundo imam Mahdi, o aguardado. Além disso, há as celebrações voltadas às mulheres sagradas para o islã xiita: falecimento de Khadija³⁶; nascimento e martírio de Fátima Al Zahra; nascimento e martírio de Zainab Al Kubra³⁷; e as celebrações ao iman Hussein (nascimento; o martírio ou *Ashura*; e os quarenta dias após o falecimento, o *arba'in*).
- 50 Além das comemorações religiosas, ocorrem ainda os atos políticos como o “Dia da Resistência e da Libertação do Sul do Líbano” do domínio de Israel, em 25 de maio; o “Dia Internacional de Jerusalém” em 26 de agosto denotando a ligação mantida com o Líbano. Também são celebradas as festividades ligadas à Revolução Iraniana de 1979 e comemoração dos aniversários de nascimento e morte do aiatolá Khomeini, marcando uma relação simbólica com o xiismo iraniano e com a importância deste fato para a consolidação do islamismo xiita³⁸.
- 51 A Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná foi fundada em 1957 na cidade de Curitiba e assim como a sua correlata em São Paulo tinha o objetivo de reforçar e manter o pertencimento étnico árabe, portanto o termo muçulmano abrangia e diluía as diferenças sectárias unindo na imigração sunitas e xiitas³⁹. A construção da Mesquita Ali ibn Abi Talib ocorreu em 1976 e em 1983 foi remodelada em seu projeto arquitetônico atual. Os sheiks que nas primeiras décadas eram provenientes do Egito, nas últimas décadas formaram-se no Irã. Há ainda uma sala de orações em São José dos Pinhais, na região metropolitana da capital, vinculada à Sociedade Beneficente de Curitiba. Associada à SBMPR está o Instituto Brasileiro de Estudos Islâmicos do Paraná (IBEIPR) que tem como objetivo o esclarecimento e transmissão dos verdadeiros (grifo meu) ensinamentos espirituais e culturais da religião islâmica, e da diferença entre os costumes dos povos que abraçaram o Islamismo e os ritos e rituais inerentes a esta religião. Além disso, a instituição veicula um programa televisivo, “As chaves do paraíso” e tem seis livros editados sobre questões do islamismo.
- 52 Para os membros dessa comunidade e de suas lideranças religiosas esse perfil da SBMPR que supera as diferenças sectárias pode ser visto como exceção no mundo islâmico ao mesmo tempo em que deveria ser exemplo de convivência para os professantes dessa fé independentemente de sua orientação. Para Jamil Ibrahim Iskandar essa atitude não é comum, sendo o único caso no Brasil e que pode ser historicamente datada desde a fundação da SBMPR em 1957. Para ele ainda “A tolerância se deve ao fato de os primeiros imigrantes libaneses terem tido a sorte e a lucidez de se unirem em um país desconhecido. Foi a preservação cultural mediada pela religião⁴⁰”.
- 53 Apesar disso, esse equilíbrio e exemplo de convivência pode estar ameaçado. Em 2017 foi criada a mussala de Santa Felicidade precursora da Nova Mesquita de Curitiba, que iniciou suas atividades em 2018, e está ligada ao Centro Islâmico Beneficente do Paraná do ramo sunita. Seu perfil segue a dinâmica proselitista das instituições de São

Bernardo do Campo e da Liga da Juventude Islâmica de São Paulo, se considerarmos que o sheikh é proveniente dessa mesquita. Entre os objetivos do Centro estão: organização de eventos religiosos, sociais e esportivos de acordo com as normas e práticas islâmicas sunitas; prática do islã como crença, comportamento e modo de vida; condução de programas de educação islâmica voltados para os jovens muçulmanos (grifos meus).

- 54 Na cidade de Foz do Iguaçu, no Paraná, há uma comunidade xiita proveniente do Líbano, que se organiza por meio da Sociedade Beneficente de Foz do Iguaçu, de uma sala de orações denominada *Husseynia* Iman Khomeini, da Associação Senhora Fátima⁴¹, do Grupo Escoteiro Líbano Brasileiro e da Escola Libanesa Brasileira. Outras comunidades xiitas menores são encontradas em Campo Grande (MS) onde há matadouros halal para atender a Mesquita do Brás; a Mesquita de Ponta Porã (MS); a Mesquita Iman Ali, fundada em 2015, vinculada ao Centro Cultural em Ponta Grossa (MT); em Brasília, ligada à comunidade do corpo diplomático de países xiitas. Em São Paulo há também a Mesquita da Vila São José, na zona sul, mantida pela Sociedade Beneficente Muçulmana Ali ibn Abi Talib e há *Husseyrias* (local para orações pelo luto de Hussein e outros imans) como a *Ahlul Bayt* na Vila Monumento e a Iman Ali na região da Luz. Em Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Santa Catarina há xiitas que não possuem lideranças, mesquitas ou mussalabs por isso frequentam as instituições sunitas. No Rio de Janeiro foi criado em 2016 o Centro Cultural Iman Hussein, que mantém o Observatório Xiita de Direitos Humanos (OXDIH), considerada como a primeira organização independente no Brasil dedicada a proteger os direitos dos muçulmanos xiitas em território nacional. Além disso, edita a Revista Minarete e realiza transmissão na Rádio Islâmica do Rio de Janeiro.
- 55 Portanto, pode-se afirmar que apesar de menor, a comunidade xiita no Brasil é atuante e, por meio de suas instituições, também busca preservar práticas religiosas vinculadas à manutenção da cultura de origem libanesa.

5. Outras comunidades islâmicas: drusos, alauítas e sufistas

- 56 Entre as minorias islâmicas que formaram comunidades imigrantes no Brasil, destacam-se os drusos e os alauítas, ambos ramificações do xiismo que, devido às perseguições sofridas, recorreram à prática da *taqqiya*, como forma de convivência na sociedade receptora aceitando a religião dominante na aparência e praticando sua fé em segredo. Para os muçulmanos sunitas, muitas vezes os drusos e os alauítas foram compreendidos como seitas heréticas e, por esse motivo, negaram-lhes o pertencimento ao mundo islâmico. Etnicamente, são de origem árabe e se estabeleceram sobretudo no Líbano e na Síria⁴², de onde partiram para o Brasil.
- 57 Os drusos surgiram no califado fatimida do Egito, durante o reinado de Hakim Ibn Nizar, do século X, tendo encontrado refúgio das perseguições sofridas nas montanhas do Líbano e da Síria, além de se estabelecerem na região da Palestina. Do ponto de vista religioso, os drusos são uma seita hermética e acessível apenas aos iniciados e identificam sua fé como unitarista ou como *ahl al tawhid*, o povo do monoteísmo ou unitarismo, como também são conhecidos; crêem na reencarnação; aboliram os rituais religiosos; mantém sete pilares religiosos, acrescentando a jihad e a lealdade ao iman aos cinco pilares do islamismo, que deve ser compreendidos no sentido alegórico. A

comunidade é dirigida por um chefe espiritual, *sheik*, que detém um poder pessoal de direito sucessório e de gestão dos bens da comunidade.

- 58 No Brasil, a comunidade drusa chegou a partir do final do século XIX, como um grupo minoritário entre os sírios e libaneses e passaram por uma nova onda nas décadas de 1960 e 1970. Concentram-se sobretudo em Minas Gerais, onde fundaram em 1925 a Sociedade Beneficente Sírio-Libanesa⁴³ em Teófilo Otoni que durou até 1956; em 1929 fundaram a Sociedade Beneficente Druziense na cidade de Oliveira que se tornou a Liga Beneficente Drusa do Brasil em Belo Horizonte, em 1956; em 1981 foi criado Lar Beneficente Druzo Brasileiro em Belo Horizonte. Em São Paulo, criaram a Sociedade Unitarista Druza Brasileira responsável pelo Lar Druzo Brasileiro, fundado em 1969, no bairro de Santana. Em 2009, foi criado o Lar Druzo Brasileiro de Foz do Iguaçu⁴⁴.
- 59 Os alauítas ou nussairitas são os seguidores de Muhamad Ibn Nassir, surgidos na Síria no século IX. Tanto duodecimalistas quanto alauítas reconhecem a linhagem até o décimo segundo imã, mas a divergência dos últimos em relação aos primeiros está no reconhecimento por Hassan al Akhri de seu discípulo, Muhammad Ibn Nussayri al Baqri ao Nussayri, como regente do iman Muhammad Al Mahdi. As principais comunidades alauítas estão na Síria, no norte do Líbano e no sul da Turquia, onde são denominados alevis.
- 60 Os alauítas creem em Deus e reconhecem Muhammad como seu profeta, mas divinizam Ali como deus encarnado, daí sua designação como seguidores de Ali, além de divinizarem Salman, o persa, companheiro do Profeta. Entre seus ritos religiosos estão a prática do Ramadã, as interdições alimentares, a crença em seis pilares, sendo o jihad o sexto; além da celebração do Eid al Fitr e o Eid Al Adha, também celebram a Páscoa e o Natal em 6 de janeiro, de acordo com o calendário Juliano.
- 61 No Brasil, a comunidade alauíta formou-se a partir do início do século XX e se concentrou principalmente em Goiás e no Rio de Janeiro, onde fundaram em 1922 a Sociedade Beneficente Alauíta; um pequeno grupo se instalou em São Paulo onde fundou em 1965 a Sociedade Beneficente Islâmica Alauíta de São Paulo, na Vila Mariana. No interior do estado de São Paulo, também há grupos alauítas em Araçatuba e Presidente Prudente⁴⁵.
- 62 Finalmente, a face menos conhecida da presença islâmica no Brasil é o ramo místico sufista, que também chegou ao país por meio de imigrantes provenientes do sul do Líbano e da Síria na década de 1960. Estabeleceram-se em São Paulo, no município de São Bernardo do Campo, onde mantém um clube social, e criaram a Sociedade Beneficente Muçulmana dos Membros da Confraria (*Tariqa*) Chaizulia Yachrutia, em 1984, ligada à Confraria de Amã, na Jordânia. É a primeira ordem desse ramo religioso estabelecido institucionalmente no Brasil, cujos membros são exclusivamente de origem árabe. Existem outras confrarias sunitas criadas por brasileiros em funcionamento em várias cidades do Brasil⁴⁶.

6. Além das mesquitas: outros espaços islâmicos

- 63 Evidencia-se também importância da escola e da educação para a manutenção da comunidade segregada em si mesma e a necessidade da existência de espaços educacionais muçulmanos com esta finalidade. A fundação de escolas islâmicas é recente e numericamente pouco expressiva, atendendo apenas pequena parte da

comunidade que esteja mais próxima a ela ou que os pais aceitem um deslocamento maior para que seus filhos atendam à instituição.

- 64 Em São Paulo, destaca-se a Escola Islâmica Brasileira, que foi fundada em 1968 e está vinculada à Sociedade Beneficente Muçulmana (SBM), e situa-se no bairro de Vila Carrão na zona leste da cidade. Por meio da Liga da Juventude Islâmica e da Mesquita do Pari foi firmado acordo com o Colégio Bom Jesus Santo Antonio do Pari para atender os filhos de muçulmanos. Da mesma forma, a comunidade xiita do Brás criou no ano de 2010 o Colégio Brasileiro Islâmico para atender os alunos de origem muçulmana no bairro. Em São Bernardo do Campo, existem duas escolas islâmicas: uma delas é o Colégio Islâmico Brasileiro Abu Bakr Assadik, vinculada à Sociedade Islâmica de Beneficência Abu Bakr Assadik, e a outra é o Colégio Medina, fundada em 2012, também para atender preferencialmente membros da comunidade muçulmana da região. Em comum todas têm como objetivo o ensino da língua árabe e da religião muçulmana para crianças e jovens desta comunidade, mesmo que também esteja aberta ao público escolar em geral.
- 65 Já no estado do Paraná, há a pioneira Escola Brasileira Árabe de Curitiba, vinculada à Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná. Em Foz do Iguaçu, a Escola Árabe-Brasileira criada nos anos 1990 como escola de língua árabe tornou-se escola regular em 1999, enquanto em 2004 foi fundada a Escola Libanesa-Brasileira vinculada à comunidade xiita. Em 2016, iniciou-se o projeto de construção do Colégio Árabe Brasileiro Foz do Iguaçu, ligado ao Centro Cultural Beneficente de Foz do Iguaçu, em terreno próximo à Mesquita Omar Ibn Al-Khatib. Chama a atenção que, ao contrário das escolas de São Paulo, que fazem referência ao seu aspecto religioso muçulmano, as escolas do Paraná reforçam no nome sua identidade árabe. Em comum, a aprendizagem da língua árabe, do ensino religioso islâmico e com público desejado os filhos de árabes muçulmanos.
- 66 Finalmente, destaco um último aspecto da institucionalização da comunidade muçulmana no Brasil: a formação dos campos santos. É evidente que as primeiras comunidades tiveram que adaptar seus rituais fúnebres às práticas de sepultamento no país, mas à medida que foram consolidando e criando instituições, os cemitérios islâmicos passaram a ser planejados pela comunidade onde eram numericamente superiores, como foi o caso de São Paulo e Paraná.
- 67 O Cemitério Islâmico de Guarulhos foi o pioneiro, sendo administrado pela Sociedade Beneficente Muçulmana e Mesquita Brasil, enquanto o Cemitério Muçulmano Jardim de Allah de Curitiba é administrado pela Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná e Mesquita Iman Ali. No Paraná, destacam-se ainda o Cemitério Islâmico de Londrina associado à Sociedade Beneficente Muçulmana de Londrina e Norte do Paraná e Mesquita de Londrina Rei Façal e o Cemitério Islâmico de Foz do Iguaçu, uma concessão de terreno do cemitério municipal. Claramente, estes espaços deixam de lado as questões mundanas como sectarismo religioso, arabismos e identidades islâmicas, *estabelecidos* ou *outsiders*. Como simboliza a mortalha branca que envolve os falecidos, na morte todos são iguais.

Considerações finais

- 68 A partir de uma breve síntese histórica abordou-se nesse artigo a presença muçulmana no Brasil, introduzida com o processo de escravidão africana de grupos trazidos no

século XIX, retomada ao final do século XIX e com maior expressividade na segunda metade do século XX com a imigração árabe muçulmana de diferentes vertentes sectárias, além de apresentar as novas leva migratórias asiáticas e africanas no presente século que tem problematizado a presença do islamismo no país, assim como tem ocorrido pelo processo de conversão de brasileiros, permitindo que a religião seja vista além do seu grupo imigrante original. Por meio da dispersão geográfica e da formação de instituições religiosas, culturais e associativas objetivou-se apresentar essas comunidades muçulmanas no território nacional.

- 69 Segundo Klich⁴⁷ os órgãos oficiais governamentais dos diferentes países do continente americano produziram dados insuficientes e genéricos sobre a presença árabe (e aqui acrescento muçulmana), e foi a escassez de fontes primárias uma das responsáveis em atrasar esses estudos acadêmicos, pois é notória a dificuldade em escrever sobre uma base muito limitada de informações publicadas. Sendo assim, esse levantamento visa a contribuir para pesquisas futuras sobre essa temática.

BIBLIOGRAFIA

ALVIM, Zuleika, *Brava Gente! Os italianos em São Paulo (1870-1920)*, São Paulo, Brasiliense, 1986.

ASSRYU, Nagib, *O Druzismo*, Belo Horizonte, São Vicente, 1967.

BATALHA, Claudio, SILVA, Fernando Teixeira da, FORTES, Alexandre (orgs.), *Culturas de classe: Identidade e diversidade na formação do operariado*, Campinas, Editora da Unicamp, 2004.

BIONDI, Luigi, *Classe e nação. Trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*, Campinas, Editora da Unicamp, 2011.

BOUTIER, Jean, JULIA, Dominique, *Passados Recompuestos: campos e canteiros da História*, Rio de Janeiro, UFRJ-FGV, 1998.

CARO, Isaac, "Identidades Islâmicas Contemporâneas em América Latina", *UNIVERSUM* 22.2 (2007), pp. 27-39.

CASTRO, Cristina Maria de, *A construção de identidades muçulmanas no Brasil: um estudo das comunidades sunitas da cidade de Campinas e do bairro paulistano do Brás*, Tese de Doutorado, São Carlos, UFSC, 2007.

COSTA, Camilla, "Número de centros islâmicos sobe 20% em 2015 em São Paulo", [em linha], 17 de setembro de 2015, disponível em http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150911_mesquitas_saopaulo_cc.

ELIAS, Norbert, *Os Estabelecidos e os Outsiders*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

FARAH, Paulo Daniel Elias, *Deleite do estrangeiro em tudo que é espantoso e maravilhoso. Estudo de um relato de viagem Baghdali*, Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 2007.

FILHO, Mário Alves Silva, *A Mística Islâmica em Terræ Brasilis: o Sufismo e as Ordens Sufis em São Paulo*, Dissertação de Mestrado, São Paulo, PUC, 2012.

- GATTAZ, André, “Periodizando a imigração libanesa para o Brasil, 1880-2000”, in *Imigração e Imigrantes: uma coletânea interdisciplinar*, ed. André Gattaz, Vanessa Paola Rojas Fernandez, Salvador, Pontocom, 2015.
- GINZBURG, Carlo, *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*, São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- HALL, Stuart, *A identidade cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro, DPeA, 2005.
- HARRIS, William W., *Faces of Lebanon: sects, wars, and global extensions*, Princeton, Markus Wiener Publishers, 1996.
- HOLLOWAY, Thomas H., *Imigrantes para o café*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- KLICH, Ignacio, “Introduction to the sources for the history of the middle easterners in Latin America”, in *Temas de Africa y Asia 2*, Facultad de Filosofia y Letras, Universidad de Buenos Aires, 1993.
- MACHADO, Maria Helena, *O plano e o pânico. Os movimentos sociais na década da abolição*, São Paulo, EDUSP, 2010.
- MARTINS, José de Souza, *O cativo da terra*, São Paulo, HUCITEC, 1990.
- MELLO, Priscila Leal, *Leitura, Encantamento e Rebelião. O Islã Negro no Brasil. Século XIX*, Tese de Doutorado, Niterói, UFF, 2009.
- MONTENEGRO, Silvia Maria, *Dilemas Identitários do Islã no Brasil: a comunidade muçulmana sunita no Rio de Janeiro*, Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, IFCS-UFRJ, 2000.
- MOURA, Denise, *Saindo das sombras. Homens livres no declínio do escravismo*, Campinas, Editora da Unicamp, 1998.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi, *O Brasil dos Imigrantes*, Rio de Janeiro, Zahar, 2001.
- OSMAN, Samira Adel, “Cristãos e Muçulmanos na Experiência Migratória no Brasil”, in *Viajantes, Missionárias e Imigrantes: olhares sobre o Brasil*, org. Ana Maria Dietrich, Carlos André Moura, Eliane Moura da Silva, Campinas, IFCH-UNICAMP, 2013.
- OSMAN, Samira Adel, *Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica migratória e história oral de vida*, Tese de Doutorado, São Paulo, FFLCH-USP, 2006.
- OSMAN, Samira Adel, *Imigração Árabe no Brasil: histórias de vida de libaneses muçulmanos e cristãos*, São Paulo, Xamã, 2011.
- PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha, *Islã: religião e civilização. Uma abordagem antropológica*, Aparecida, Santuário, 2014, p. 211.
- PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha, “Ritual, etnicidade e identidade religiosa nas comunidades muçulmanas no Brasil”, *Revista USP*, 22 (2005), pp. 228-249, DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i67p228-249>.
- RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto, “Negros Islâmicos no Brasil Escravocrata”, *Cadernos Ceru* 22.1 (2011), pp. 288-303.
- SAFADY, Jamil, *A Imigração Árabe no Brasil*, Tese de Doutorado, São Paulo, FFLCH-USP, 1970.
- SENA, Edmar Avelar de, *O Islã no Sudeste do Brasil: modos de adesão, identidades e dinâmicas sociais*, Tese de Doutorado, UFJF, Juiz de Fora, 2013.

SOARES, Marisa de Carvalho, MELLO, Priscila Leal, “O resto perdeu-se? História e Folclore: o caso dos muçulmanos em Alagoas”, in *Visibilidades negras*, org. Bruno César Cavalcanti, Clara Suassuna Fernandes, Rachel Rocha Barros, Maceió, EDUFAL, 2006, pp. 14-25.

“The future of world religions: populations growth projections”, disponível em <http://www.pewforum.org/2015/04/02/religious-projections-2010-2050/>.

ZAHAER, León Rodríguez, *Líbano, espejo del Medio Oriente: comunidad, confesión y Estado: siglos VII a XX*, México, El Colegio de México-Centro de Estudios de Asia y África, 2004.

NOTAS

1. Thomas H. Holloway, *Imigrantes para o café*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984; Zuleika Alvim, *Brava Gente! Os italianos em São Paulo (1870-1920)*, São Paulo, Brasiliense, 1986; José de Souza Martins, *O cativo da terra*, São Paulo, HUCITEC, 1990; Denise Moura, *Saindo das sombras. Homens livres no declínio do escravismo*, Campinas, Editora da Unicamp, 1998; Lucia Lippi Oliveira, *O Brasil dos Imigrantes*, Rio de Janeiro, Zahar, 2001; Claudio Batalha, Fernando Teixeira da Silva, Alexandre Fortes (orgs.), *Culturas de classe: Identidade e diversidade na formação do operariado*, Campinas, Editora da Unicamp, 2004; Luigi Biondi, *Classe e nação. Trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*, Campinas, Editora da Unicamp, 2011; Maria Helena Machado, *O plano e o pânico. Os movimentos sociais na década da abolição*, São Paulo, EDUSP, 2010.
2. Samira Adel Osman, “Cristãos e Muçulmanos na Experiência Migratória no Brasil”, in *Viajantes, Missionárias e Imigrantes: olhares sobre o Brasil*, org. Ana Maria Dietrich, Carlos André Moura, Eliane Moura da Silva, Campinas, IFCH-UNICAMP, 2013.
3. “The future of world religions: populations growth projections”, disponível em <http://www.pewforum.org/2015/04/02/religious-projections-2010-2050/>
4. Elaborado a partir dos dados extraídos de <http://www.pewforum.org/2011/01/27/table-muslim-population-by-country/>
5. www.islamerica.org.
6. Isaac Caro, “Identidades Islâmicas Contemporâneas em América Latina”, *UNIVERSUM* 22-2 (2007), pp. 27-39.
7. Também foram levantados artigos e publicações em anais de congressos, mas que ainda não foram analisados nessa etapa.
8. Jean Boutier, Dominique Julia, *Passados Recompuestos: campos e canteiros da História*, Rio de Janeiro, UFRJ-FGV, 1998, p. 33.
9. Carlo Ginzburg, *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*, São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
10. Lidice Meyer Pinto Ribeiro, “Negros Islâmicos no Brasil Escravocrata”, *Cadernos Ceru* 22-1 (2011), pp. 288-303.
11. Priscila Leal Mello, “*Leitura, Encantamento e Rebelião. O Islã Negro no Brasil. Século XIX*”, Tese de Doutorado, Niterói, UFF, 2009.
12. Marisa de Carvalho Soares, Priscila Leal Mello, “O resto perdeu-se? História e Folclore: o caso dos muçulmanos em Alagoas”, in *Visibilidades negras*, org. Bruno César Cavalcanti, Clara Suassuna Fernandes, Rachel Rocha Barros, Maceió, EDUFAL, 2006, pp. 14-25.
13. Paulo Daniel Elias Farah, *Deleite do estrangeiro em tudo que é espantoso e maravilhoso. Estudo de um relato de viagem Baghdali*, Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 2007.
14. Dados obtidos por meio de questionários enviados às instituições religiosas, nos anos 2012 a 2014.
15. http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150911_mesquitas_saopaulo_cc. Número de centros islâmicos sobe 20% em 2015 em São Paulo. Camilla Costa, 17 setembro 2015.

16. Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto, *Islã: religião e civilização. Uma abordagem antropológica*, Aparecida, Santuário, 2014, p. 211.
17. https://istoe.com.br/349181_OS+CAMINHOS+DO+ISLA+NO+BRASIL/ 21.02.2014.
18. SBM: Sociedade Beneficente Muçulmana. Sílvia Maria Montenegro, “*Dilemas Identitários do Islã no Brasil: a comunidade muçulmana sunita no Rio de Janeiro*”, Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, IFCS-UFRJ, 2000.
19. Edmar Avelar de Sena, “*O Islã no Sudeste do Brasil: modos de adesão, identidades e dinâmicas sociais*”, Tese de Doutorado, UFJF, Juiz de Fora, 2013.
20. Norbert Elias, *Os Estabelecidos e os Outsiders*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000, p. 20.
21. <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/numero-de-centros-islamicos-sobe-20-em-2015-em-sao-paulo>
22. Além do envio de questionários, foram realizadas entrevistas com alguns sheiks ou representantes de Sociedades de Benemerência e Mesquitas.
23. S. A. Osman, “Cristãos e Muçulmanos ...”, p. 233.
24. Cristina Maria de Castro, “*A construção de identidades muçulmanas no Brasil: um estudo das comunidades sunitas da cidade de Campinas e do bairro paulistano do Brás*”, Tese de Doutorado, São Carlos, UFSC, 2007.
25. Samira Adel Osman, *Imigração Árabe no Brasil: histórias de vida de libaneses muçulmanos e cristãos*, São Paulo, Xamã, 2011, pp. 54-55.
26. S. A. Osman, *Imigração Árabe no Brasil ...*, p. 38. Tratam-se de entrevistas de História Oral de Vida feitas com imigrantes árabes muçulmanos e seus descendentes na cidade de São Paulo, entre os anos de 1995 e 1998, para a pesquisa para a dissertação de mestrado.
27. A imigração árabe ao Brasil pode ser periodizada de forma mais detalhada de acordo com os períodos, causas, local de destino; no entanto, para fins deste artigo apresento de forma mais agrupada, considerando os fatores comuns. Para um maior detalhamento, ver Samira Adel Osman, “*Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica migratória e história oral de vida*”, Tese de Doutorado, São Paulo, FFLCH-USP, 2006, e André Gattaz, “Periodizando a imigração libanesa para o Brasil, 1880-2000”, in *Imigração e Imigrantes: uma coletânea interdisciplinar*, ed. André Gattaz, Vanessa Paola Rojas Fernandez, Salvador, Pontocom, 2015.
28. Stuart Hall, *A identidade cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro, DPoA, 2005.
29. S. A. Osman, “Cristãos e Muçulmanos ...”.
30. Tratam-se de entrevistas de História Oral de Vida feitas com imigrantes árabes muçulmanos e seus descendentes na cidade de São Paulo, entre os anos de 1995 e 1998, para a pesquisa para a dissertação de mestrado.
31. S. A. Osman, “Cristãos e Muçulmanos ...”, p. 230.
32. Esse mesmo aspecto pode ser observado na Argentina, que teve o apoio do governo da Arábia Saudita para a edificação da Mesquita da Cidade de Buenos Aires e do Centro Cultural Islâmico Rey Fahd no ano 2000, e no Chile que teve também o apoio saudita para a construção da Mesquita As-Salam em Santiago. O Chile contou ainda com o apoio do Marrocos para a instalação da Mesquita de Coquimbo em 2004 e do Centro Cultural Mohammed VI para o Diálogo das Civilizações. Tal atuação tem se justificado como forma de contribuir para a preservação da identidade islâmica na comunidade muçulmana destes países.
33. As informações sobre a Mesquita do Brás foram obtidas em entrevistas realizadas com Hassan Ali Ghareib membro da instituição, em 2012.
34. Duodécimo, Duodecimalista, Duodecimano ou Os12 Imãs são formas de referenciar os seguidores da vertente majoritária do xiismo. O número 12 refere-se à linhagem dos imãs que se inicia com Ali, o primeiro imã e sucessor legítimo do Profeta Muhammad segundo seus seguidores, e vai até o décimo segundo, o Mahdi ou o imã oculto. Está presentes no Irã, Iraque, Líbano, Bahrein e Azerbaijão.
35. Simplificadamente, a família do Profeta: os descendentes de Ali e Fátima.

36. Primeira esposa do Profeta Muhammad.
37. Filha de Ali e Fátima.
38. Essas observações foram feitas a partir da visita à Mesquita do Brás, onde há referências a esses acontecimentos (retratos, cartazes, pôsteres) no escritório onde fui recebida.
39. As informações sobre a SBMPR foram obtidas por meio de questionário enviado à instituição, e por entrevistas respondidas por email pelo atual Diretor de Religiosidade da SBMPR, Gamal Oumari. Informalmente, alguns esclarecimentos foram feitos por Jamil Ibrahim Iskandar, ex presidente da SBMPR. Outras informações usadas neste artigo também estão disponíveis no site da instituição.
40. <http://www.gazetadopovo.com.br/haus/arquitetura/conheca-a-arquitetura-da-mesquita-que-ajudou-a-integrar-sunitas-e-xiitas/> Luan Galani 07/06/2016.
41. A associação do xiismo com Fátima, precedida pelos termos Senhora ou Nossa Senhora, ocorre também na Mesquita do Brás. Segundo Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto (“Ritual, etnicidade e identidade religiosa nas comunidades muçulmanas no Brasil”, *Revista USP* 22 (2005), p. 241), essa ação está associada à *taqiya* (do árabe, ocultamento) que pode ser compreendida como um disfarce ou dissimulação da prática religiosa associando-a com a fé dominante. Se por um lado isso pode garantir a segurança da comunidade, evitando conflitos ou hostilidades, por outro permite a integração dos convertidos e a expansão do xiismo além dos limites étnicos árabes.
42. William W. Harris, *Faces of Lebanon: sects, wars, and global extensions*, Princeton, Markus Wiener Publishers, 1996; León Rodríguez Zahar, *Líbano, espejo del Medio Oriente: comunidade, confesión y Estado: siglos VII a XX*, México, El Colegio de México-Centro de Estudios de Asia y África, 2004.
43. Nota-se que drusos e alauítas não edificam templos religiosos. Nestes casos, considerou-se apenas as demais instituições associativas mantidas pelos grupos.
44. Nagib Assrauy, *O Druzismo*, Belo Horizonte, São Vicente, 1967; Jamil Safady, “A Imigração Árabe no Brasil”, Tese de Doutorado, São Paulo, FFLCH-USP, 1970.
45. J. Safady, “A Imigração Árabe ...”.
46. J. Safady, “A Imigração Árabe ...”; Mario Alves Silva Filho, “A Mística Islâmica em Terræ Brasilis: o Sufismo e as Ordens Sufis em São Paulo”, Dissertação de Mestrado, São Paulo, PUC, 2012.
47. Ignacio Klich, “Introduction to the sources for the history of the middle easterners in Latin America”, in *Temas de Africa y Asia* 2, Facultad de Filosofia y Letras, Universidad de Buenos Aires, 1993.

RESUMOS

Numa abordagem histórica, o presente artigo trata da presença muçulmana no Brasil a partir de diferentes ondas migratórias e de perfis étnicos (africanos escravizados, imigrantes árabes e seus descendentes, imigrantes africanos e asiáticos, brasileiros convertidos), centrando-se nas questões sectárias dos imigrantes árabes provenientes do Líbano majoritariamente a partir da segunda metade do século XX. Analisa a formação das instituições religiosas e culturais desses grupos como forma de manutenção identitária cultural e religiosa.

The present article deals, from an historical approach, with the presence of Muslims in Brazil from different waves and ethnic origins (slaved Africans, Arabic immigrants and their descendants, African and Asian immigrants, Brazilian converted people), focusing on sectarian

questions of Arab immigrants from Lebanon, that arrived in this country mostly from second half of the twentieth century. The article also analyzes the formation of the religious and cultural institutions of these groups as a form of cultural and religious identity preservation.

ÍNDICE

Keywords: islam of Arabic immigrants, religious sectarianism, religious and cultural institutions

Palavras-chave: islamismo de imigração, sectarismo religioso, instituições religiosas e culturais

AUTOR

SAMIRA ADEL OSMAN

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

samira.osman[at]unifesp.br